

As Origens da Grande Tribulação

C. Naaktgeboren,*

Compilado em 2022-04-24 às 05:52:16h (UTC) - Revisão 0

Resumo

Aqui vai o resumo.

Licença



<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Conteúdo

1	Introdução	2
1.1	Objetivo Geral	4
1.2	Axiomas	4
2	Estudo de Profecias “Segundo Deus”	5
2.1	Da Unicidade da Realidade do Princípio ao Fim	5
2.2	Da Verdade Das Profecias Divinas	6
2.2.1	Profecias Divinas Como Promessas . . .	7
2.3	Da Verificabilidade Das Profecias Divinas	7

*C. Naaktgeboren <bibliashare@gmail.com>

2.3.1	Deus Vela Sobre Sua Palavra Para a Cumprir	8
2.4	Cumprimento Literal ou Alegórico?	9
3	A Tribulação Pelas Escrituras	13
3.1	A Tribulação na Lei	13
3.2	A Tribulação nos Escritos	13
3.3	A Tribulação nos Profetas	14
4	Conclusão	14

1 Introdução

Este estudo aborda o assunto da “*grande tribulação*,” enunciada pelo Senhor Jesus no Monte das Oliveiras:

“porque nesse tempo haverá **grande tribulação**,
como desde o princípio do mundo até agora não
tem havido e nem haverá jamais.”

— Mt 24.21 (ARA) [1]

Também o profeta Daniel, assim chamado pelo próprio Se-

nhor Jesus¹, falou sobre o assunto da tribulação:

“Nesse tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor dos filhos do teu povo, e haverá **tempo de angústia**, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas, naquele tempo, será salvo o teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro.”

— Dn 12.1 (ARA) [1]

Ambas as descrições são de *angústia ou tribulação sem prece-dentes*; por isso sabemos que ambos o profeta Daniel e o Senhor Jesus estão referindo-se ao *mesmo período profético*.

Para o tempo profetizado em Dn 12.1, temos o levante do “defensor dos filhos do teu povo”, assim como “será salvo o teu povo”; ora, o “povo de Daniel,” segundo as Escrituras, é *Israel*, conforme: “meu povo de Israel” de Dn 9.20 (ARA) [1].

Ora, como Israel é Jacó, sabemos que o profeta Jeremias também falou da tribulação, em termos de “tempo de angústia para Jacó”:

“Ah! Que grande é aquele dia, e não há outro semelhante! É **tempo de angústia** para Jacó; ele, porém, será livre dela.” — Jr 30.7 (ARA) [1]

Em particular, o tópico da grande tribulação é abordado em sua *eventual* relação com a igreja, nas questões de (i) se a aludida relação existe e, caso afirmativo, (ii) qual seja a relação, de modo a concluir, à partir das Escrituras, aplicações práticas a exemplo de se a igreja também passa ou não por tal período; e, se também

¹“Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o *profeta Daniel*, no lugar santo” Mt 24.15 (ARA) [1].

passa; em qual fração de sua duração.

1.1 Objetivo Geral

Visto que para a igreja existe a promessa de seu *arrebata-mento*, sendo este o evento profético que retira a igreja deste mundo a fim de que ela esteja “**para sempre com o Senhor**” 1Ts 4.17 (ARA) [1], o estudo proposto traduz-se no objetivo de *posicionar o arrebatamento da igreja em relação ao período da grande tribulação*.

1.2 Axiomas

O assunto já delineado será estudado com base nos seguintes axiomas:

1. Há um só Deus;
2. As Escrituras Bíblicas são Palavra deste Deus;
3. As Escrituras Bíblicas são verdade.

Entende-se por “Escrituras Bíblicas” o conjunto coeso de 66 livros, composto pelos 39 livros da Bíblia Hebraica e pelos 27 livros do Novo Testamento Cristão.

2 Estudo de Profecias “Segundo Deus”

2.1 Da Unicidade da Realidade do Princípio ao Fim

As Escrituras *sempre são assertivas* em relação à *realidade* e à *história*, a exemplo de:

“E fez Deus a expansão e fez separação entre as águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão. **E assim foi.**”

— Gn 1.7 (ARC) [2]

A sentença “**E assim foi,**” indica uma **realidade e história únicas** — “assim,” e não de outra forma — de modo que o espaço-tempo dos “**céus e terra**” possui **unicidade**, significando uma *única realidade*, uma *única história* e um *único futuro*.

Corroborar com a revelação da unicidade da realidade do princípio ao fim, a declaração Divina:

“Lembraí-vos das coisas passadas desde a antiguidade: que **eu sou Deus, e não há outro Deus**, não há outro semelhante a mim; que **anuncio o fim desde o princípio** e, desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: **o meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade;**” — Is 46.9,10 (ARC) [2]

Portanto, a capacidade de anunciar, **acertadamente** “**coisas que ainda não sucederam**” é um *atributo de Deus, que o distingue de todos os demais*, conforme o: “**não há outro semelhante a mim**”. Ainda, o que Deus anuncia, pela sua Palavra, é “**o fim**”.

desde o princípio” — note: “o fim,” e não uma multiplicidade de ‘possíveis’ fins.

Está provado, então, a *unicidade da realidade do princípio ao fim*: uma *única realidade*, uma *única história* e um *único futuro*.

2.2 Da Verdade Das Profecias Divinas

O Senhor Deus, ao reiterar seus atributos a Judá, por meio do profeta Isaías, o faz de forma *taxativa*:

“Porque assim diz o Senhor, que **criou os céus**, o Deus que **formou a terra**, que **a fez e a estabeleceu**; que não a criou para ser um caos, mas para ser habitada: **Eu sou o Senhor, e não há outro.**” — Is 45.18 (ARA) [1]

Sabemos, pela Carta aos Romanos, que “os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas.” Rm 1.20 (ARA) [1], de sorte que hoje sabemos que Deus está a evocar Seus atributos de “**eterno poder, como também a sua própria divindade**” ao declarar-se Autor de céus e terra, quando falou por meio do profeta Isaías.

Ainda, Deus segue, por meio do profeta:

“Não falei em **segredo**, nem em lugar algum de **trevas** da terra; não disse à descendência de Jacó: Buscai-me em vão; **eu, o Senhor, falo a verdade e proclamo o que é direito.**” — Is 45.19 (ARA) [1]

Aqui é acrescentado que a revelação de Deus não foi secreta e com o bendito testemunho: “**eu, o Senhor, falo a verdade e proclamo o que é direito**”.

Assim, está diretamente declarado nas Escrituras que as proclamações de Deus por intermédio de seus profetas — a saber, *todas as profecias* — *são verdade e direito*.

2.2.1 Profecias Divinas Como Promessas

“E assim, depois de esperar com paciência, obteve **Abraão a promessa.**” — Hb 6.15 (ARA) [1]

A veracidade das profecias divinas implica em certeza de seu cumprimento, portanto *as profecias divinas são promessas divinas*, mas quais pode-se esperar — “**É o caso de Abraão, que creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça.**” Gl 3.6 (ARA) [1].

2.3 Da Verificabilidade Das Profecias Divinas

Sendo a realidade única e as profecias sempre verdadeiras; com a passagem do tempo, aquilo que antes era futuro, a saber, as “**coisas que ainda não sucederam**” Is 46.10ARC, uma vez chegado seu tempo e cumpridas, podem ser assim testemunhadas, ou verificadas, pelos homens. Tais exercícios de constatação são frequentemente registrados nas Escrituras:

“**Nenhuma promessa falhou de todas as boas palavras que o Senhor falara à casa de Israel; tudo se cumpriu.**” — Js 21.45 (ARA) [1]

“Nenhuma promessa falhou” / “tudo se cumpriu.” — as profecias divinas são verificáveis a seu tempo. Que maravilha!

2.3.1 Deus Vela Sobre Sua Palavra Para a Cumprir

As Escrituras frequentemente explicam que certas coisas vieram a acontecer com o propósito específico de *cumprir profecia*, de *cumprir o que está escrito*:

“Tudo isto, porém, aconteceu para que se cumprissem as Escrituras dos profetas. Então, os discípulos todos, deixando-o, fugiram.”
— Mt 26.56 (ARA) [1]

Eminentemente, temos a visão da vara de amendoeira, dada a Jeremias: “Veio ainda a palavra do Senhor, dizendo: Que vêes tu, Jeremias? Respondi: vejo uma vara de amendoeira.” Jr 1.11 (ARA) [1], e a resposta divina foi:

“Disse-me o Senhor: Viste bem, porque **eu velo sobre a minha palavra para a cumprir.**”
— Jr 1.12 (ARA) [1]

Note-se que ‘velar’ significa: “permanecer de vigia, de sentinela” [4]. Assim, o Deus que está “sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder” Hb 1.3 (ARA) [1], que “é antes de todas as coisas” e no qual “tudo subsiste” Cl 1.17 (ARA) [1], permanece de sentinela para **cumprir** Sua Palavra!

2.4 Cumprimento Literal ou Alegórico?

Para que não haja qualquer dúvida sobre a firmeza do propósito Divino no cumprimento fiel de suas promessas e profecias, tem-se, no Livro de Deuteronômio — portanto na Lei, a profecia da vinda do profeta em cuja boca Deus colocaria Suas Palavras:

“Suscitar-lhes-ei um profeta do meio de seus irmãos, semelhante a ti, em cuja boca porei as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar.” — Dt 18.18 (ARA) [1]

A profecia é solene, tal que Deus continua:

“De todo aquele que não ouvir as minhas palavras, que ele falar em meu nome, disso lhe pedirei contas. Porém o profeta que presumir de falar alguma palavra em meu nome, que eu lhe não mandei falar, ou o que falar em nome de outros deuses, esse profeta será morto.”
— Dt 18.19,20 (ARA) [1]

Aqui as implicações são seríssimas — vida ou morte! — Tal que se torna *absolutamente imperioso* distinguir adequadamente a Palavra do Senhor daquela de falsos profetas. O texto segue, providencialmente, nesta exata direção: “Se disseres no teu coração: Como conhecerei a palavra que o Senhor não falou?”

Dt 18.21 (ARA) [1], e a resposta divina *não deixa dúvidas*:

“Sabe que, quando esse profeta falar em nome do Senhor, e a palavra dele se *não cumprir, nem suceder, como profetizou*, esta é palavra que o Senhor *não disse*; com soberba, a falou o tal profeta; não tenhas temor dele.”

— Dt 18.22 (ARA) [1]

Este é um cenário de apenas duas possibilidades: ou a profecia (i) é de Deus, ou ela (ii) não é. O texto sagrado aqui é *suficiente* para a determinação de todos os dois possíveis casos, pelo emprego da lógica mais elementar no entendimento do texto. Se uma possibilidade foi enunciada, sua *negação* leva, necessariamente, à outra.

Desta forma, tem-se que **a palavra que o Senhor diz cumpre-se COMO PROFETIZADA**, de acordo com Dt 18.22!

Elimina-se, efetivamente, qualquer possibilidade de interpretação alegorizada, diferente de como está escrito, de como foi profetizado.

Não obstante as Escrituras exortarem a que a igreja tenha um só pensamento, para a completa alegria: **“completai a minha alegria, de modo que *penseis a mesma coisa*, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento.”** Fp 2.2 (ARA) [1]; vemos, em nosso meio, defensores de cada uma das visões elencadas, cada qual com seu rol de textos e estratégias de interpretação.

Tal estado de coisas é lamentável por múltiplas razões, incluindo: (i) não se cumpre a exortação de Fp 2.2, para cujo caso reserva-se a esperança do verso 3.15 da mesma Epístola: **“*todos os que somos aperfeiçoados tenhamos esse mesmo modo de pen-***

sar; e, se em alguma coisa pensais de outro modo, Deus também vos revelará isso.” Fp 3.15 (A21) [3]; e (ii) corre-se o risco imediato de transmitir, voluntariamente ou não, a mensagem de que a Bíblia não seria coesa, ou pior, que conteria contradições. Porém o texto citado de Fp 3.15 responde, de imediato, à tais fontes de lamento, atribuindo o pensar igual não apenas ao “ser aperfeiçoado,” mas eminentemente ao *receber revelação de Deus*; e assim, identificando a fonte do problema no interpretar textos não segundo Deus; e não nas Escrituras propriamente ditas!

Além disso, a necessidade de revelação *divina* em Fp 3.15, mostra que unidade de pensamento na igreja jamais será alcançado enquanto os demais tiverem que pensar ‘como eu’ — do ponto de vista de alguém; mas sim quando todos pensarem *segundo Deus* — haja vista que sua *inspiração Divina* e *inerrância* são axiomáticas!

A busca por uma interpretação de profecia *segundo Deus* certamente nos convida a analisar cada verso, cada sentença, cada expressão *à luz das Escrituras*, assim como manter em consideração aspectos do próprio *caráter de Deus*. A interpretação de profecias passa a ser um *projeto de caminhada e vida com Deus*, sempre *à luz da Sua Palavra*, afinal o Espírito Santo afirma, pelo salmista: “Compreendo mais do que todos os meus mestres, porque medito nos teus testemunhos.” Sl 119.99 (ARA) [1], indicando que a meditação na Palavra, e, por extensão, a interpretação da Palavra pela Palavra leva nossa compreensão mais além daquilo que alcançam mestres formados por expedientes humanos, incluindo eminentemente a escolaridade acadêmica.

Temos exemplos disso no próprio Verbo encarnado:

“Terminados os dias da festa, ao regressarem, permaneceu o menino Jesus em Jerusalém, sem que seus pais o soubessem. [...] Três dias depois, o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os. E todos os que o ouviam muito se admiravam da sua inteligência e das suas respostas. [...] E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens.”

— Lc 2.43,46,47,52 (ARA) [1]

O texto evidencia a sabedoria e graça vindas do alto, operando na vida do *menino* Jesus, com absoluta superioridade em relação ao expediente humano da escolaridade, porquanto o menino de doze anos ouvia e interrogava doutores (da Lei), os quais “muito se admiravam da sua inteligência e das suas respostas.”

Ainda mais:

“Chegando o sábado, passou a ensinar na sinagoga; e muitos, ouvindo-o, se maravilhavam, dizendo: Donde vêm a este estas coisas? Que sabedoria é esta que lhe foi dada? E como se fazem tais maravilhas por suas mãos? Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E não vivem aqui entre nós suas irmãs? E scandalizavam-se nele.”

— Mc 6.2,3 (ARA) [1]

A falta de notoriedade imbutida nas palavras “o carpinteiro,” filho de conhecidos e cujas irmãs vivem entre nós é patente, assim como a reação natural: “escandalizavam-se nele.”

E ainda, com relação aos Apóstolos:

“Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo
que eram homens iletrados e incultos,
admiraram-se; e reconheceram que haviam eles
estado com Jesus.” — At 4.13 (ARA) [1]

Nesta última citação, a falta de preparo acadêmico é especialmente ressaltada nos termos “iletrados e incultos,” ao passo que o convívio com a Palavra (encarnada) foi deduzido logo na sequência: “reconheceram que haviam eles estado com Jesus.”

Este estudo objetiva estudar a “grande tribulação” *segundo Deus*, isto é, à luz das Escrituras, visando *descobrir o que é ensinado nas Escrituras sobre o assunto*, não desejando uma validação de uma pré-determinada visão de mundo, porém deixando a Escritura (Deus) falar e colhendo os resultados da desejada coesão (e correção!) doutrinária.

3 A Tribulação Pelas Escrituras

Parágrafo.

3.1 A Tribulação na Lei

Parágrafo.

3.2 A Tribulação nos Escritos

Parágrafo.

3.3 A Tribulação nos Profetas

Parágrafo.

4 Conclusão

Conclusão.

Produção

Produzido com X_YLaTeX com fontes GaramondLibre, JuliaMono.

Conflito de Interesses

O autor declara não haver conflito de interesse associado a este trabalho.

Agradecimentos

O autor não recebeu nenhum pagamento e/ou fomento específico na elaboração deste trabalho, sejam provenientes de setor público, privado ou sem fins lucrativos.

A Y_eH_oW_hH Deus Pai, Filho e Espírito, seja a glória!

Referências

- [1] *A Bíblia Sagrada*. Sociedade Bíblica do Brasil, Barueri, SP, Brasil, traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada, 2^a ed. (ARA) edition, 1993.
- [2] *A Bíblia Sagrada Contendo o Velho e o Novo Testamento*. Sociedade Bíblica do Brasil, Brasília, DF, Brasil, traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. edição Revista e Corrigida (ARC) edition, 1995.
- [3] Daniel de Oliveira, editor. *Bíblia Sagrada Almeida Século 21: Antigo e Novo Testamento*. Vida Nova, São Paulo, SP, Brasil, 2^a edição revista e atualizada conforme o novo acordo ortográfico (A21) edition, 2010.
- [4] Antônio Houaiss, Mauro de Salles Villar, and Francisco M. de M. Franco. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Objetiva, Rio de Janeiro, 1 edition, 2009.